

---

# NAS FALAS DE JOVENS, PISTAS PARA ENTENDIMENTO DA RECEPÇÃO TELEVISIVA<sup>1</sup>

Geni Amélia Nader Vasconcelos\*

## RESUMO

Este estudo assume o cotidiano como *espaçotempo* instigante para estudo, constituído de situações repletas de surpresas, convidando-nos a pensar o relacionamento dos usuários com a tecnologia para muito além do consumo receptáculo. Apresenta achados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida na cidade de Nova Friburgo (Rio de Janeiro), sobre o relacionamento de jovens com a televisão. Ao mergulhar no cotidiano desse grupo, a investigação realizada traz à cena as intrincadas redes que aí se tecem, colaborando para que esses jovens dialoguem de forma variada com a tecnologia e se constituam praticantes singulares e criativos. Permite observar como o usuário retrabalha o que foi apresentado pela TV e, em função de suas experiências e das mediações às quais está vinculado, produz, fabrica e inventa. Sem pretender generalizar seus achados, ou mesmo ignorar ou menosprezar o poder televisivo, este estudo chama atenção para de negociação de sentido que se dá entre emissor e receptor e para pequenos/grandes detalhes com frequência ignorados pelos modelos hegemônicos de investigação.

**Palavras-chave:** cotidiano, recepção, televisão, mediações.

O anúncio do *1º Colóquio de Pesquisas em Educação em Mídia* convidou-me a revisitar questões que há muito me instigam. Imagens, sons, leituras, diálogos diversos – uns mais distantes no tempo, outros recentes – foram se insinuando em minha memória e sugerindo-me inúmeros percursos. Sedutores, empolgantes, envolventes, constituíram-se em provocações para uma escrita. Pude perceber sua capacidade em continuar mobilizando meu interesse e sua fertilidade para gerar novas interrogações e propor outros trançados.

Remexendo em minha memória de professora, encontro inúmeras situações em que a televisão ocupa o centro dos debates. Lembro-me de conversas e reuniões nas quais buscamos caminhos para entendimento do que ocorre com os nossos alunos – crianças e adolescentes –, e a TV aparece, quer nas indicações de pais, quer na de professores, como responsável, sobretudo, por aqueles comportamentos tidos como indesejáveis. São lembranças nas quais a TV é, com frequência, acusada pelas mais diversas dificuldades ou mesmo problemas apresentados pelas crianças e jovens. Lembranças nas quais muitos pais e professores se referem à TV como possuidora de um poder avassalador e insinua a impossibilidade que eles têm de fazer frente à questão.

Recordo-me ainda das inúmeras vezes em que, como professora, tenho participado de conversas e reuniões alimentadas pelo desejo intenso de oferecer uma escola mais significativa para os alunos. Daqui e dali, ficam fragmentos de falas extraídos de calorosos debates voltados para alternativas capazes de envolver mais o aluno com o trabalho desenvolvido em sala de aula; capazes de não adiar indefinidamente a alegria, a felicidade e o sentido da escola. Nesse cenário, o fascínio exercido pela TV sobre as pessoas ganha espaço nas discussões.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no *1º Colóquio de Pesquisa Educação e Mídia: diálogos entre culturas*, realizado pela UniRio de 29 a 31 de agosto de 2007.

\*Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora titular da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, professora titular da Faculdade de Odontologia de Nova Friburgo e professora do Colégio Nossa Senhora das Dores, em Nova Friburgo.

---

O tom de denúncia, de acusações, de estranhamento, de temores, dominante em muitas dessas ocasiões, leva-me a pensar que o conhecimento que temos a respeito dos meios de comunicação social ainda é bem tímido frente ao uso que deles fazemos e isso acaba por favorecer que esses meios se transformem em um campo fértil para a desconfiança. Levantamentos relativos a pesquisas acadêmicas na área de interseção educação/ comunicação revelam que as questões do mundo da comunicação aplicadas à educação estão sendo mais pesquisadas por profissionais da comunicação do que por educadores (PRETTO, 1999).

Essas questões sempre me intimaram a movimentos. Nutrindo-me do desejo de interrogar acusações generalistas e simplificadoras, corriqueiras, em muitos comentários sobre as relações que os alunos estabelecem com a televisão, e instigada por polêmicas alimentadoras de tais debates, elaborei alguns estudos<sup>2</sup> sobre o tema. Em meu mestrado, realizei uma pesquisa<sup>3</sup>, que está na origem deste texto, com a proposta de investigar como os jovens se relacionam com a TV. A escolha desse grupo se deveu a muitos fatores. Uma certa timidez de estudos sobre a televisão em sua interface com a juventude (GOMES, 1998); a monocultura analítica que busca entender os jovens enquanto problema e não enquanto campo sujeito à problematização (SPOSITO, 1997; CARRANO, 2000) estão entre os fatores que geraram essa escolha.

A obra de Michel de Certeau sobre o cotidiano foi de fundamental importância para o trabalho que desenvolvi. Seus estudos oferecem-nos a chance de mudar o lugar a partir do qual certas questões são formuladas, abrindo-nos um universo de possibilidades freqüentemente obscurecido ou minimizado pelo modelo de investigação hegemônico. O conceito de *fabricação*, elaborado por Certeau, leva-nos a interrogar como as pessoas se apropriam dos produtos da tecnologia que utilizam. Diz respeito à arte de utilizar os produtos impostos por uma ordem dominante. Refere-se a uma maneira de consumir em que o usuário reinventa, recria, retrabalha o que recebeu. Convida-nos a explorar as redes de indisciplina e a inventividade dos indivíduos e grupos presos nas redes de vigilância. Certeau apresenta-nos o cotidiano não apenas como espaço de repetição, reprodução e uniformidade, mas como espaço de microdiferenças. Critica o *olhar do alto*, próprio do Ícaro, que, em sua ilusão de tudo conhecer, caracteriza-se por respostas prontas, acabadas, e conduz a homogeneizações, incapazes de dar conta da complexidade presente no processo receptivo. Apresenta-nos o *mergulho no cotidiano* como outro modo de estudo, possibilitando-nos perceber a diversidade e a multiplicidade que compõem o real. Ajuda-nos a pensar o relacionamento dos usuários com a tecnologia para muito além do *consumo receptáculo*, capaz de encontrar criatividade somente entre os produtores.

Ao focalizar sua análise nos usuários, apontando para sua capacidade de desviar, de contornar o estabelecido, Certeau remete-nos a um conjunto de espertezas sutis e criações anônimas através das quais o homem comum se move no espaço apropriado pelo poder, invertendo códigos e objetos, usando-os a seu modo. Convida-nos a estudar como as pessoas utilizam a cultura dos meios de comunicação, como a experimentam. E, ainda, de que maneira os meios de comunicação são empregados

---

<sup>2</sup> Como exemplo, cito a pesquisa que desenvolvi no CE Canadá com a participação de meus alunos da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia. Tal estudo ofereceu insumos para a formação pedagógica desses alunos bem como para a equipe de professores da escola. Ofereceu também elementos para reflexão de uma pesquisadora que escolheu o colégio como objeto de análise em sua tese de doutorado na University of Southampton, Inglaterra, e que recebeu o título *Contribuição de um programa baseado na leitura para a aprendizagem de inglês na escola fundamental brasileira*.

<sup>3</sup> Refiro-me à pesquisa *O que os jovens fabricam com o que a TV produz, apresentada, como dissertação, em meu mestrado na UERJ*.

---

de maneiras diferentes por diferentes indivíduos. Desse modo, permite-nos questionar juízos frequentes em nossas conversações e pareceres relativos ao relacionamento das pessoas com a tecnologia.

Durante muito tempo, os meios de comunicação foram analisados como todo-poderosos. Seriam bons ou maus, dependendo apenas de quem os detivesse, de quem os controlasse. Como nos indica Martín-Barbero (1997, p. 279):

Uma concepção teológica do poder – uma vez que este era considerado onipotente e onipresente – levou à crença de que bastava analisar os objetivos econômicos e ideológicos dos meios massivos para se descobrirem as necessidades que provocavam e como submetiam os consumidores.

Atribuindo todo o protagonismo ao campo da produção, esse modo de interpretação do processo comunicacional exclui a chance de se estudar a recepção como um lugar que é também lugar de partida, no qual o sentido é elaborado e produzido. É nesse ponto que reside a grande virada dos estudos da recepção: um deslocamento de um modo investigativo centrado na produção – no qual a recepção é concebida como um ponto de chegada daquilo que já estava concluído – para um outro, no qual se busca entender como as apropriações, as articulações e as negociações se verificam no processo receptivo. Essa maneira de conceber o processo de comunicação, na qual se admite o papel efetivo do receptor, é anunciadora de um novo paradigma, cuja proposta não é substituir um campo de estudo – o da produção, – por outro – o da recepção –, ou mesmo subestimar os saberes dos produtores. O que está em jogo é um enfoque no qual se busca a interatividade e o encontro entre esse dois campos, em que se entende a recepção, no dizer de Barbero, (1995) como *processo de negociação de sentido*.

Quero sublinhar que, se a TV não é tão poderosa como certos posicionamentos pretendem nos fazer acreditar, tampouco devemos entendê-la como inócua ou neutra. Entender o receptor como alguém que mobiliza seu universo cultural para interpretar o que aparece nos meios de comunicação, insisto, não significa proclamar a soberania ou a autonomia do campo da recepção. Não significa ignorar ou menosprezar que chega ao receptor aquilo que foi filtrado anteriormente no âmbito da produção, levando em conta, sobretudo a orientação e os interesses da empresa detentora daquela mídia. Não significa desdenhar o fato de que a programação da TV é produzida para chegar a alguém, para seduzi-lo, para envolvê-lo, para chamá-lo a ver, gostar, e reconhecer-se (FISCHER, 2001). Significa, antes, sustentar que o receptor é um sujeito ativo, possuidor de um lugar próprio, distinto daquele lugar a partir do qual o programa da TV lhe fala. Não há, portanto, possibilidade de assegurar que os significados propostos por produtores sejam aqueles apropriados pelos receptores.

Na perspectiva que adotei no trabalho realizado, o receptor não é alguém abstrato ou isolado, não é alguém que possa ser compreendido apenas em seu relacionamento com os meios de comunicação, mas deve ser compreendido como sujeito de cultura. Precisa ser estudado no contexto das diversas práticas culturais e sociais nas quais está enredado, através de múltiplas e intrincadas relações, inclusive com a mídia. A recepção, enquanto processo que se dá no cotidiano – espaço-tempo<sup>4</sup> complexo, carregado de sentidos saberes e sentimentos, no qual homens e mulheres se recriam e se produzem culturalmente de maneira incessante – constitui um processo condicionado e situado, muitas vezes permeado por contradições.

---

<sup>4</sup>Aprendi com Nilda Alves esse modo de escritura para indicar que tais termos só podem ser compreendidos em seu relacionamento.

---

Abre-se, dessa maneira, um novo horizonte de questões, no qual as práticas cotidianas dos usuários da tecnologia adquirem grande importância. Práticas que não são únicas ou mesmo homogêneas. Práticas que nos permitem resgatar o receptor como alguém criativo, alguém que é ator e autor, alguém que não é apenas falado e desejado pela estrutura. Ao levarmos em conta os múltiplos espaços e tempos em que a vida do receptor acontece, ao considerarmos sua capacidade de transformar, criar, reproduzir, podemos atribuir o peso exato à televisão. A diversidade está posta. (ALVES, 2001)

A análise da recepção televisiva configura-se, nesse cenário, como uma tarefa orientada por algumas premissas básicas: a recepção é interação; essa interação é necessariamente mediada de múltiplas maneiras; essa interação não está circunscrita ao momento em que se está frente ao televisor. Impõe-se, nas pesquisas a respeito da recepção, levarmos em conta todo um longo e complexo processo que envolve múltiplas mediações e que, para ser compreendido, exige que consideremos as práticas cotidianas dos receptores, responsáveis pela negociação de sentidos, pela apropriação ou resistência às mensagens. (OROZCO, 1996)

Foi com base nessa trama teórica que desenvolvi minha investigação, a partir de conversas coletivas com um grupo de jovens de uma escola de Nova Friburgo (RJ), objetivando interrogar como se apropriam dos produtos da tecnologia que utilizam – no caso a TV. Fazendo um recorte no trabalho realizado, e até mesmo abandonando provisoriamente outros achados de minha pesquisa, trago à cena alguns dos achados da pesquisa, indicativos de que os receptores não são apenas pessoas reproduzidas e obedientes. São praticantes singulares e criativos que, a partir de seus enredamentos cotidianos – múltiplos e diversificados –, dialogam de forma variada com a tecnologia.

Fios trazidos pelas falas dos jovens ajudaram-nos a conhecer como a TV é utilizada por eles. Deixada de lado por alguns estudiosos como objeto relevante de análise, em função do computador, a TV continua significando um singular e generalizado objeto de interrogações, de surpresa (OROZCO, 2001).

O relato de Marcela<sup>5</sup>, uma das jovens que participou da pesquisa, sinaliza-nos a necessidade de pesquisas que se debruçam sobre o ato de consumir, apresentando-nos a presença do televisor em uma situação tida como insuspeita e surpreendente até mesmo para os participantes do grupo: *Minha irmã, de tanto levar a TV para o banheiro, para assistir tomando banho, acabou com o som dela.*

Contra o discurso habitual que só considera o produto, no caso a TV, confirma-se a necessidade de um outro, não negligenciador da utilização que se faz do produto, capaz de estar atento ao fato de que a criatividade existe também no consumidor. Afirma a necessidade de não entendermos os consumidores como grupo homogêneo que reemprega de uma mesma forma os produtos (CERTEAU, 1998). Nas palavras desse autor: *aquilo que uma prática faz com os signos pré-fabricados, aquilo que estes se tornam para os usuários ou os receptores, eis algo essencial que, no entanto, permanece, em grande parte, ignorado.* (CERTEAU, 1995, p. 234)

O entusiasmo demonstrado pelos jovens na utilização do computador disponível em suas casas não excluiu a televisão do seu dia-a-dia. Na realidade, a utilização do computador apresenta-se como mais uma possibilidade de desdobramento das multitarefas que o jovem realiza ao assistir à televisão: *Eu só consigo ficar na Internet com a televisão ligada. Eu não consigo ficar na Internet sem TV ligada. Eu só consigo ficar com as duas.* Essa prática de Nelson é corroborada por Luciana:

---

<sup>5</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são de jovens que participaram da pesquisa. Esse modo de registro resulta de uma opção dos jovens que desejaram, assim, marcar seu posicionamento e autoria.

---

*Enquanto está entrando naquele 'site,' fico vendo TV. Às vezes estou naquelas salas de bate-papo .Estou conversando. Enquanto mando a mensagem e as pessoas não respondem, eu fico vendo TV.*

Nelson e Luciana ajudam-nos a questionar análises que se preocupam em mensurar a quantidade de tempo dedicado à TV pelas pessoas como um dado isolado, como algo absoluto. A ênfase no tempo, dissociada do contexto em que a recepção ocorre, sugere que as pessoas ficam paradas, totalmente concentradas frente à televisão, sem qualquer tipo de envolvimento com outra atividade física ou intelectual (VASCONCELOS, 2001). Suas falas lembram-nos que *a inovação não diz respeito à modernidade dos meios de comunicação utilizados, ainda que eles multipliquem as possibilidades de criação; ela reside na utilização que deles se faz.* (CERTEAU, 1995, p. 247).

O uso da TV significando companhia, apontado em vários depoimentos, foi comentado por Paola:

Eu ligo TV quando estou sozinha. Ligo todas as TV da casa. Fica um falatório, tipo companhia, para eu não me sentir sozinha. Distraí. Você não tem nada para fazer, ou quer fazer alguma coisa e não tem nada. [A televisão] distraí, é uma companhia.

É a televisão como ruído de fundo, utilizada para vencer a solidão de quem fica em casa em horários em que os pais e irmãos estão fora, ou quando não se tem outra atividade acessível ou prazerosa para preencher o tempo livre. Esse dado se contrapõe a muitas falas do senso comum, nas quais a televisão/companhia é tida como prática das pessoas idosas, por viverem isoladas, por não terem facilidade de deslocamento ou por terem uma participação reduzida em outros grupos. E mais. Convida-nos a pensar que, ao se discutir TV, puxam-se muitos outros fios reveladores de redes nas quais se tecem as relações sociais e também inúmeras outras questões ligadas à sociedade e a nós mesmos. A esse respeito é interessante ponderarmos sobre o que nos diz Priscila:

Uma vez teve uma discussão feia por conta de um casamento [referência à uma novela na qual houve casamento de véu e grinalda de uma moça que não era virgem]. Minha madrasta falou que isto estava errado. Estavam ensinando todo o mundo a fazer isso. Meu pai falou que isto não tem nada a ver, depende da atitude da pessoa. Tem gente que casa de véu e grinalda mas, no entanto, não é fiel no casamento. Começaram a discutir (...) foi cada um para um canto, desligaram a TV e ficaram sérios. (...) Fiquei boba como é que eles conseguiram discutir por causa de uma coisa que surgiu na novela. No final é até realidade, mas não deixou de surgir na TV. Discutiram por causa de uma coisa que a TV apresentou. Foi válida a discussão. Ela passou para ele a opinião dela. De repente, eles nunca tiveram oportunidade de discutir sobre isto. A TV deu uma abertura para essa discussão deles. Cada um começou a conhecer um pouco mais o outro. [A discussão] tem alguns sentidos que não são bons, não tira proveito nenhum e só serve para discutir mesmo. O pessoal lá leva as coisa muito a sério. Acaba um ficando de bico com o outro e a TV continua lá. Aquilo não mudou nada na TV.

Para além de questionar a acusação, com frequência feita à TV de que ela provoca o silêncio das pessoas, essa fala, apontando para as discussões e mesmos conflitos desencadeados a partir da telenovela, convida-nos a reencaminhar a questão em termos diferentes. Os atritos surgidos a partir de uma programação televisiva tanto podem significar repulsa ao que está sendo veiculado, como revelar conflitos existentes no cotidiano do receptor e que encontram, nesse momento, oportunidade para serem explicitados<sup>6</sup>. A TV atua, nesse caso, favorecendo a sondagem de opinião a

---

<sup>6</sup>A esse propósito Silva (1985, p. 92), lembra-nos o impacto do seriado *Malu Mulher* no nordeste brasileiro. Ao questionar o machismo, o seriado chocou-se com os interesses dominantes. A direita reacionária uniu-se a setores da esquerda e, junto a outros setores conservadores do país, pressionaram a emissora para que tirasse o seriado do ar.

---

respeito de um problema no qual podemos estar mergulhados e que não temos coragem ou decisão de abordar diretamente. Na medida em que conversa pessoas podem estar falando ao mesmo tempo de si, de seu universo, de seu cotidiano e não mais dos personagens.

A posição assumida neste trabalho faz-me pensar que os telespectadores se apropriam, de uma forma que lhes é muito peculiar, daquilo que a televisão apresenta. Penso também, buscando apoio em Prado (1999, p. 191-2), que

dizer, falando da novela, que ‘ah! mas tem tudo a ver com a gente’ ou que ‘não tem nada a ver com a gente’ é, de qualquer forma, estar pensando e falando na gente. (...) A ‘viagem’ que cada telespectador faz em cada novela não tem os rumos determinados apenas pela novela, mas pelos significados que o telespectador aí aloca; pelo sentido que ele lhe atribui e pelo relevo que dá a certos elementos da narrativa ou personagens, a partir de sua própria visão de mundo e questões.

O depoimento de Priscila permite-nos também ponderar o quanto a sua atenção ficou mais centrada no que ocorreu em sua família do que no fato veiculado pela TV. Dessa maneira, sugerimos outros elementos para questionarmos o reducionismo de certas análises que pressupõem o jovem dominado pelo que a televisão apresenta.

Objeto de calorosos debates, a influência da TV sobre as pessoas foi uma das questões mais revistadas pelos jovens em nossos encontros. Em se tratando do campo estético, da difusão da moda, da incorporação de certos vocábulos, do incentivo ao consumo do supérfluo a influência de TV se fez notar em inúmeros depoimentos. No entanto, em situações que envolvem valores, crenças, convicções tidos como mais profundos do comportamento, as falas dos jovens indicaram uma aceitação diferente, como se pode observar na fala de Rodrigo:

Se tem alguma coisa de sexo, vou ver, mas só porque estão transando, não vou sair transando com todo mundo, só porque estou vendo isto. Às vezes é até engraçado: uma pessoa chega, conheceu uma outra e já vai para a cama. Mas não vou sair fazendo isto só porque vi na televisão.

Essa consideração, ao lado de muitas outras, reitera o quão errôneo é supor que assimilar um determinado produto é tornar-se semelhante àquilo que se absorve e não o tornar semelhante ao que se é, fazendo-o próprio, apropriando-se ou reapropriando-se dele. Uma coisa é o que a televisão apresenta, e outra é o que os usuários fabricam com ela. Essa fabricação depende também de quem está do outro lado da tela, do seu universo cultural, dos significados que o receptor empresta ao que a TV apresenta, das negociações que se estabelecem em suas múltiplas redes cotidianas. Como afirma Prado (1999, p. 190), se a televisão tem o ‘monopólio da fala’ nem todo mundo ‘escuta’ o que ela quer.

Ainda que questões relativas ao sexo tenham aparecido com frequência e interesse nas discussões dos jovens sobre a TV, revelando seu interesse por programas que abordam essa temática, é importante sublinhar que o fato de um tema mobilizar a teleaudiência não deve ser entendido como sinônimo de aprovação ao tratamento que a emissora lhe confere. Questionamentos e formulações críticas presentes na fala dos jovens indicam que o texto televisivo constitui na verdade um repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias ( CERTEAU, 1998 p. 93). Entender tais operações requer lembrarmos-nos de que os telespectadores não são só isso. São pessoas concretas que se fazem historicamente, a partir dos contextos sociais em que vivem seu cotidiano. Cada um desses contextos tem uma dimensão formadora. Cada um deles apresenta linguagem, gramaticalidade, temporalidade e territorialidade específicas. Cada um deles colabora para tecer, numa trama

---

complexa, sua relação com o discurso televisivo. (VASCONCELOS, 2002) Cada um deles pode predominar em um dado processo receptivo.

No grupo pesquisado, família, grupo de amigos, pastoral da juventude<sup>7</sup> constituem fios básicos da rede de mediação na qual se vai estabelecendo uma negociação de sentido do que a TV apresenta. Como nos indicaram Mônica e, a seguir, Luciana:

Está passando uma matéria na TV de que minha mãe discorda e eu também discordei. A gente conversa. A gente começa a discutir. Eu passo isto para quem eu posso, para minhas amigas mais íntimas, minha irmã. A gente conversa muito sobre isto. Discuto muito em casa. Ainda mais TV. Minha mãe questiona muito as coisas.

Eu procuro muito a PJ. Debato muito com meus pais, meus amigos e com esse grupo, que são de meus amigos também. Acho que até o que eu mais debato é com eles. A gente está entre amigos A gente debate sobre vários temas. É interessante, porque a gente aprende e de repente a gente ensina também.

Pertencer a vários grupos e instituições resulta em um referencial diversificado, no qual, em algumas ocasiões, pesa o parecer da família, em outras, a dos amigos, levando-nos a refletir a respeito da possibilidade de um reforço, de uma complementação, ou mesmo de uma disputa de sentido entre tais grupos e instituições, uma vez que cada um deles tende a apresentar sua orientação como a mais própria e legítima.

As conclusões que um jovem, ou mesmo outro telespectador, elabora após uma programação televisiva não podem ser antecipadas por ninguém, nem pelos emissores nem por outras pessoas que assistiram a ela ao mesmo tempo que aquele jovem.<sup>8</sup> Tais conclusões remetem a uma ampla rede de mediações que se apresentam nos diversos espaços/tempos do largo processo de recepção, oportunizando reforço ou até conflito de orientações. A apropriação das mensagens deve ser entendida como um processo ativo e potencialmente crítico, apontando a interação entre a TV e a audiência como multidimensional e multidirecional. Compreendida desse modo, a recepção abarca vários momentos, cenários e negociações que transcendem o mero ato de ficar frente à telinha. E, ainda, ajuda-nos a compreender que a produção de sentido realizada pela audiência constitui sempre uma interrogação aberta para a investigação (OROZCO, 1996).

Sublinhar o papel da rede através da qual o jovem vai mediando sua relação com a TV torna-se particularmente significativo, uma vez que nosso estudo destacou o fato de os jovens pesquisados assistirem à TV, na maioria das vezes, sozinhos. Em uma análise tradicional da recepção, preocupada apenas com o que acontece quando o telespectador está frente à TV, por certo todo esse processo de negociação seria subestimado ou passaria despercebido, levando-nos talvez a concluir,

---

<sup>7</sup>A Pastoral da Juventude é constituída por todo um conjunto de ações através das quais a Igreja procura fazer com que os jovens se questionem a respeito do sentido de sua vida, para que eles sejam, como cristãos comprometidos, protagonistas de sua história e da história de sua sociedade. É um trabalho ecumênico e está articulado em todo o Brasil e na América Latina.

<sup>8</sup>A propósito é interessante lembrar algumas observações a respeito de modo de endereçamento, trazidas por Ellsworth (2001: p. 40) o que parece claro para mim, depois de cinco e dez anos de estudo de cinema é que as relações entre a forma como os textos cinematográficos endereçam seu público e a forma como os espectadores reais lêem os filmes não são nítidas ou puras – elas tampouco são lineares ou causais. (...) todos os modos de endereçamento erram seus públicos de uma forma ou de outra. Não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta, o que nos faz concluir que não há como garantir a resposta a um determinado modo de endereçamento (*Ver referências bibliográficas*).

---

erroneamente, que o apresentado pela TV é assimilado pelo jovem sem passar por uma filtragem derivada de seu contato com outros grupos e instituições.

A mediação dos amigos e colegas da escola faz-se sentir não apenas nos comentários, nas trocas, nos intercâmbios relativos a programas anteriormente assistidos. Manifesta-se também na indicação, ou mesmo em uma certa pressão social exercida por esses grupos, para que determinados programas sejam acompanhados:

O que puxa esses programas [nos quais certo tipo de fofoca é a tônica] é aquele negócio de Maria vai com as outras. Você chega ao colégio, não assistiu àquele programa, você está muito desatualizado, você tem que assistir, você está ali sobrando. No dia seguinte você vai assistir com certeza, para saber o que eles estavam falando.

Essa fala de Nelson remete-nos a pensar como a TV propicia um *novo modo de estar juntos* (MARTÍN-BARBERO, 1998). Sugere ainda que fazer parte da teleaudiência de um programa oferece muitas vezes uma espécie de “passaporte”, de “ingresso” capaz de autorizar os jovens a conversarem, a se comunicarem em um grupo no qual, de outra forma, teriam dificuldade em participar.

A televisão, apesar das críticas que recebeu em inúmeros momentos de nossos encontros, foi reconhecida pelos jovens como um espaço-tempo de aprendizagem.

Tem programas bons na TV, com os quais você pode aprender. (Renata)

A TV me influencia muito porque muitas vezes escuto no jornal notícias em que tenho uma opinião e ela me mostra outro lado. (Luciana)

(Novela) passa conhecimento, sim (...) Terra Nostra estava mostrando como ele (...) obrigava as escravas e se deitarem com ele, como o marido tratava mulher: “Senhor meu marido”. Outro dia ouvi falar que tinha tanto café, mas não sabia para quem ia vender. Aí eu estava lembrando que a gente estudou há pouco tempo a crise de superprodução do café. Alguma coisa de bom a gente está aprendendo. (Priscila)

Ampliando a discussão a respeito da TV enquanto contexto de aprendizagem, Rodrigo acrescentou:

Você vê que a coisa é ruim e não faz .É a psicologia do contrário. Vê uma coisa ruim e acaba não fazendo, pois sabe que é ruim para você.

Somos instigados por essa fala a refletir como, pela apresentação de certos fatos, a TV pode propiciar uma reafirmação de práticas e valores do cotidiano do receptor. Tal processo se realiza pelo confronto, pela oposição ao que é diferente e que constitui um acinte, uma afronta, uma ameaça a valores estabelecidos no universo do telespectador (PRADO, 1999).

Os depoimentos desses jovens indicam que a TV também condiciona a interação do jovem com o seu ambiente e constitui mais um fio que se tece na rede para interpretação de seu entorno; apresenta-se, assim, quer como mediada, quer como mediadora que interfere na construção de sentido, narrando<sup>9</sup> o que acontece no mundo. Essa dimensão da TV no processo de tessitura do conhecimento também pôde ser observada no depoimento de Marcela:

---

<sup>9</sup>Essa afirmativa não implica, conforme já foi assinalado anteriormente, em desconhecimento ou mesmo menosprezo da mediação que ocorre no campo da produção.



---

Programa Livre<sup>10</sup> bota mesmo a realidade. Falam das pessoas da FEBEM. Botam os garotos que estiveram lá, como era a vida deles antes, quando usavam drogas, matavam, lidavam com armas. Pessoas que usam drogas, médicos vão lá esclarecer as dúvidas que muita gente tem.

O entendimento da dimensão educativa da TV foi-se configurando de forma diferenciada ao longo das oficinas. Em uma etapa inicial, foi encarada de forma mais restrita, limitada a alguns programas e emissoras que têm como objetivo explícito ensinar algo: Telecurso 2000, TVE e TV Cultura foram apontados como representantes dessa categoria.

No decorrer dos debates, entretanto, esse quadro foi-se alterando e originou a inclusão de diversos outros programas e gêneros televisivos, indicando que a definição de educativo não está confinada apenas ao emissor, mas relacionada ao receptor, ao significado que ele empresta ao veiculado pela TV. Por essa via, qualquer programa pode ser considerado educativo, desde aqueles que assumem explicitamente este propósito, até outros que acabem assumindo a mesma tarefa junto ao receptor. Entendo que a possibilidade de aprender deva ser entendida como bem mais ampla que a de ensinar. Quantas vezes aprendemos sem que ninguém nos ensine e quantos vezes, mesmo quando alguém nos quer ensinar, não aprendemos, não desejamos aprender? A TV possibilita uma aprendizagem capaz de assumir um caráter antecipatório, permitindo ao receptor o conhecimento de condutas, atitudes e maneiras de agir em situações não vivenciadas anteriormente.

Os jovens, conforme a indicação de várias falas, aprendem muitas coisas com a televisão e fazem-nos refletir que, mesmo não tendo licença para ensinar, a TV possui uma dimensão educativa (OROZCO, 1998). Deixada, com frequência, de fora do planejamento e das ações doentes, a TV entra na escola, trazida por todos que a frequentam, alterando os modos de aprender/aprender, de ser, estar e se portar no mundo, descentrando cada vez mais os espaços tempos de informação e conhecimento, acarretando profundas mudanças nas maneiras de os homens relacionarem-se e expressarem-se e configurando-se como parte da ampla rede na qual a subjetividade é construída. Essa presença não pode continuar sendo ignorada como fato da educação. Contribuições trazidas pelos estudos culturais (GREEN E BIGUM, 1998; GIROUX, 1998) intimam-nos a ampliar a noção de pedagogia e de currículo e a nos debruçar sobre outros ambientes educativos que não o escolar. Muitos outros achados e reflexões poderiam ser extraídos da pesquisa realizada para indicar como se dá o relacionamento desse grupo de jovens com a TV e levantar pistas para pensar a educação, para refletir a respeito de como se trançam na escola fios trazidos de outros espaçostempos. Esperamos, todavia, ter oferecido aos possíveis leitores um convite para refletir a respeito de pequenos/grandes detalhes por vezes ignorados pelo modelo hegemônico de investigação.

Não temos o propósito de tratar os jovens pesquisados como modelos. Eles são sujeitos concretos, com experiências singulares. Todavia, investigações nessa área podem contribuir para ratificar ou negar algumas afirmações freqüentes, relativas ao poder da televisão, desvelando muitos dos fantasmas que se fortalecem ante o medo de um meio que, conforme afirmamos inicialmente, ainda que muito utilizado é pouco conhecido. Se a televisão, mesmo poderosa, não é onipotente, não pode ser considerada como autônoma, como podemos fazer do assistir à televisão, uma experiência que além de prazerosa seja cada vez mais construtiva, autônoma e crítica para todos? (OROZCO, 1996)

---

<sup>10</sup>Programa de entrevistas e variedades voltado ao público jovem, inicialmente comandado por Serginho Groisman, na TVE.

---

Tal possibilidade me fascina. Impulsionou-me em todas as etapas do trabalho e leva-me a retomar a importância das mediações. A pesquisa realizada, nutrindo-se de inquietações trazidas de meu cotidiano, carrega o desejo de retornar a esse cotidiano, espaço-tempo no qual a vida acontece. Assim, ousar esperar que, ao chamar a atenção para a esfera da mediação, este estudo ofereça pistas para que pais, professores e outros grupos comprometidos com a educação, repensem suas possibilidades de atuação frente à TV, sendo presenças cada vez mais efetivas na negociação que se estabelece no processo receptivo. E, ainda, que os achados dessa pesquisa colaborem para um trabalho em nossas escolas, que se faça cada vez mais atento às tantas redes – de saberes, fazeres e afetos – que aí se trançam. Redes trazidas pelos diversos sujeitos que cotidianamente fazem a escola acontecer e lhe emprestam múltiplos sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda. História de vida determina como professor usa tecnologia. In: *Jornal do Brasil*, 18 de março de 2001, caderno Educação & Trabalho, p. 1-2.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. In: *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF*. Rio de Janeiro: DP&A, maio 2000, p.11-27
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & educação: fluir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GREEN, Bill e BIGUM, Chris. Alienígenas em sala de aula. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). *Alienígenas em sala de aula*. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). *Alienígenas em sala de aula*. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- GOMES, Pedro Gilberto e COGO, Denise Maria. Questões conceituais e metodológicas. In: GOMES, Gilberto e COGO, Denise Maria. *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL/ Unisinos, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo: USP/Moderna, jan-abr/1998, (11). p. 53-67.
- OROZCO, Guillermo Gómez. *Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de la Torre/Universidad Iberoamericana, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Televisión, Audiencias y Educacion*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.
- PRADO, Rosane. Televisão poderosa mas não tanto: cidade pequena, mulher e telenovela. In: ECKERT, Cornelia e MONTE-MÓR, Patrícia (Orgs.). *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.
- PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. Campinas: Papyrus, 1999.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do jardim botânico*. São Paulo: Summus, 1985.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPed., maio-ago, set-dez/1997.
- VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. Cotidiano: um outro viés para entendimento da recepção televisiva. In: LEITE, Márcia e FILÉ, Valter (Orgs.). *Subjetividade, tecnologia e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

### ABSTRACT

*This paper assumes everyday life as space-time worth studying. It consists of situations which are full of surprises, inviting us to think of the existing relationships between users and technology, beyond mere consumption. It presents findings of a qualitative piece of research which took place in Nova Friburgo (Rio de Janeiro) on the relationship between youngsters and television. By going deep in this group's everyday life, the investigation brings to light the intricate nets which are woven as those people establish varied dialogues with technology and become singular and creative practitioners. The aim is to observe how the users deal with what is presented on TV and, due to their experiences and to the mediations they are linked to, they produce, create, and invent. Although there is neither the intention to generalize what has been found through this work, nor to diminish TV power, this study draws attention to meaning negotiations between the sender of a message and the ones who receive it, as well as to the small/big details frequently ignored by the hegemonic investigative models.*

**Keywords:** *everyday life, reception, television, mediations.*